

## A NOVA 'ONDA' DA EXPERIÊNCIA DA PARTURIÇÃO THE NEW 'WAVE' ON PARTURITION

Luiz Ferraz de Sampaio Neto\*

A inserção da mulher no mercado de trabalho e no processo produtivo foi situação que permitiu enormes avanços sociais, sobretudo para a equidade de gêneros; contudo, isso gerou exposição do gênero feminino a alguns hábitos e comportamentos que culminaram por incrementar a ocorrência de processos mórbidos que levaram a novas causas de mortalidade para as mulheres. São exemplos frequentemente apontados nessa direção as consequências danosas do uso de tabaco entre mulheres, a epidemia das DSTs que hoje coloca o sexo feminino como maior contingente de casos novos, e que é decorrente das novas práticas sexuais, bem como o maior número de pacientes portadoras de doenças degenerativas, como diabetes e doenças cardiovasculares geradas pelo estresse a que essa mulher da nova realidade passou a se submeter.

Paralelamente a essas novas causas de doenças e de morte, as situações que envolviam o processo reprodutivo continuaram a contribuir para o adoecimento e morte feminina. É verdade que o desenvolvimento da medicina conseguiu reduzir até certo ponto as complicações à saúde especificamente associadas ao processo gravídico-puerperal. A assistência à parturição teve, ao longo dos séculos, algumas ondas que significaram relevantes mudanças nas práticas anteriores. Foi efetivamente a partir de meados do século 19 que a medicina, representada pelos seus praticantes, que na ocasião eram exclusivamente do sexo masculino (físicos e cirurgiões), ocupou o espaço na assistência obstétrica que antes sempre fora prerrogativa do sexo feminino, representadas pelas parteiras, comadres ou feiteiras.

Na verdade, a apropriação da assistência ao parto pela ciência médica, aconteceu inicialmente envolvendo a anatomia, seguida pela propedêutica e técnica cirúrgica, que se compuseram para fundar a obstetrícia moderna. A participação dos médicos na assistência ao parto propiciou o direcionamento da parturição para os hospitais e a incorporação da obstetrícia nos currículos médicos. Essa talvez tenha sido a primeira 'onda' na assistência aos partos: a incorporação da ciência médica na assistência à parturição.

Com o passar dos anos foi inevitável que passássemos a observar mais uma 'onda' na obstetrícia, essa fase que seguiu a onda da inserção médica na assistência ao parto, agora observada com a análise crítica que o distanciamento histórico nos permite, tem sido denominada 'medicalização da assistência ao parto'.

Nessa nova fase, as interferências naquilo que se considera como fisiológico passou a ser sistemático. Por exemplo, prescrevendo-se na admissão ao parto enemas, tricotomia e substâncias que incrementam as contrações para abreviar a parturição. Procedendo-se às cirurgias ampliadoras do canal de parto, como as episiotomias, que passaram a ser obrigatórias e não mais indicadas quando eram efetivamente necessárias. As cesáreas se tornaram a regra como via de parto e não mais a exceção. O domínio e a condução do parto acabaram por serem subtraídos das parturientes e entregues nas mãos do obstetra. Naturalmente que essa nova situação acabou por determinar outras condições que se associaram à maior morbidade materno-

fetal. É inegável que essa obstetrícia incomodou as mulheres, pois nem todas encaravam os partos como situações médicas que necessitassem da intervenção técnica. Em contraponto ao *status* vigente na assistência obstétrica “sobremedicalizada” iniciaram-se questionamentos que trouxeram reflexão do significado de parir e, talvez, ainda mais profundamente, questionassem o papel da mulher na sociedade. Indiretamente suscitaram questionar o papel dos médicos e das parteiras na assistência obstétrica.

Neste número da Revista da Faculdade de Medicina de Sorocaba há dois estudos que buscam posicionar os leitores sobre essa realidade que vivemos.

No estudo “Fatores que influenciam a gestante na escolha do tipo de parto”, de Santana, Lahm e Santos (p. 123), os autores buscam interpretar o comportamento da mulher quando indagada sobre a possibilidade de escolha do tipo de parto que pretendia. Em outro estudo, Jeneral, Bellini, Duarte CR e Duarte MF (p. 140), “Aleitamento materno: uma reflexão sobre o papel do pai”, o pai é questionado sobre seu papel como coadjuvante na lactação.

As novas possibilidades que surgiram com o maior acesso à informação propiciado pela internet implicaram no envolvimento daqueles que indubitavelmente são os maiores interessados no processo da parturição: a parturiente e seu parceiro nas decisões relativas às medidas técnicas que serão mais adequadas para as situações que surgirem. Essa onda poderá significar uma oportunidade para aliarmos a denominada humanização da assistência ao parto sem abrir mão dos ganhos que trouxeram as boas práticas na atenção à parturiente e seu conceito.

Seguramente a coparticipação de todos os atores (médicos, obstetizes, a gestante e o seu parceiro) será fundamental para o sucesso e o adequado entendimento do que está ocorrendo naquele momento tão importante da vida do casal, que é o parto e a assistência neonatal. Contudo, o mais relevante como podemos observar nos dois estudos citados e que representam pontos de vista distintos, mas complementares, pois foram elaborados em diferentes centros de pesquisa, é a conclusão comum de que a informação talvez seja a chave do sucesso nessa relação. Talvez, mais que somente a informação técnica, a possibilidade da escuta mútua com respeito aos saberes de cada um será a chave para o desenvolvimento desta nova onda na assistência à parturição.

Cada uma das 'ondas' trouxe contribuições inegáveis à evolução da assistência à mulher no período gravídico-puerperal. Compete-nos conseguir enxergar os benefícios existentes nessas novas possibilidades que nos são apresentadas. Convido os leitores que se interessam pelas questões de gênero e do processo reprodutivo, que leiam os textos incluídos neste número da RFCMS e também aqueles citados para que construam suas próprias percepções sobre essa 'onda' cuja repercussão se faz em diferentes níveis.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 17, n. 3, p. I - II, 2015

\* Professor do Depto. de Cirurgia - FCMS/PUC-SP, coeditor da Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba.  
Contato: lfsampaio@puccsp.br

**Bibliografia sugerida**

1. Haddad N, Silva MB. Mortalidade feminina em idade reprodutiva no Estado de São Paulo, Brasil, 1991-1995: causas básicas de óbito e mortalidade materna Rev Saúde Pública. 2000;34(1):64-70.
2. Martins APV. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. Estudos Feministas. 2005;13(3):645-65.
3. Rezende J. Obstetrícia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1974. Cap. 1, p. 1. Obstetrícia: conceito, propósitos, súpula histórica.
4. Vieira EM. Parte I: História, política, conceitos: a medicalização do corpo feminino. In: Giffin K, Costa SH, organizadores. Questões da saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 1999.